desapareceu na gaveta, a sorte de muitos. Certo é que o Pe. Francisco, depois de poucas semanas na nova terra, foi nomeado para a Prainha. Juntou-se aos Lazaristas Brasileiros, Franceses e Holandeses que em estreita colaboração com os padres diocesanos, escreveram páginas de ouro na história deste celeiro de vocações. Trabalhou também na paróquia de Benfica. Antes? Depois? Ao mesmo tempo? Não sei, mas ele era capaz de tudo. A paróquia de Benfica naquele tempo era muito mais extensa. Incluía os bairros de Porangabuçu, de Salete, de Montese. O total dos padres era maior, o total de paroquianos era menor (será?), mas muito maiores eram as distâncias, e em meios de transporte nem se falava: só os pés e qui e acolá uma bicicleta. Sim, houve até un cavalo à disposição dos mais corajosos. Do Pe. Francisco dizem que transportava todo o seu peso nume bicicleta velha (pois era joveme moderno), vencendo assim as distâncias e a areia fofa...

Com a chegada de levas e mais levas de padres novos, na época após-guerra, os Lazaristas (melhor: o Pe. Guilherme Vaessen) começaram a aceitar seminários menores: Caxias, Limoeiro do Norte, Mossoró e Caicó. (Campina Grande é de data mais recente). Um padre mais experimentado, do tempo antes da guerra, devia acompanhar e orientar a turma jovem. Assim vemos o Pe. Francisco em Mossoró, no seminário Santa Terezinha, um seminário já existente, em pleno funcionamento, fato esse que sem dúvida dificultou a incumbência. Tudo era de fato bastante problemático para a turma nova e também para o superiori, já mais experimentado. Reitor do seminário e vigário são duas modalidades de vida sacerdotal bem diferentes. Certa vez o Pe. Francisco disse que nem sabia como agir, tudo estranhava tanto, mas... encontrou a solução... seguir o exemplo de Wernhoutsburg: os estudos sérios, as orações sem exagero e também os passeios na cidade, tres a tres...

Os padres trabalharam dentro do seminário, nos bairros, no interior da Diocese. Nenhuma cidade, nenhum vigário, nehum pai de seminarista ficava sem visita de um dos padres. Muito se fez pela Igreja e a folha da vida Mossoroense do Pe. Francisco deve ser uma das mais lindas.

Além da parte espiritual, da parte pastoral, além da formação e informação, dadas aos alunos e ao povo em geral, nas capelanias e nos hospitais, eles zelavam o seminário como se fôsse deles. Verdade é, o seminário vivia continuamente com problemas financeiros, faltava isso e falthava aquilo... os padres organizavam festas e... trabalhavam com as próprias mãos, pintavam, até a fachada da frente, cuidavam das instalações hidráulicas e elétri-

cas e pessoalmente vi como o Pe. Francisco, depois de chegar pelas 10 horas de Açú, depois de conversar um pouco com os hóspedes, depois do almoço, na hora mais quente do dia, começõu a limpar o grande dormitório, varrer e depois passar pano molhado. Ainda vejo o gigante: de batina preta, levantada pela faixa e pelos bolsos como era costume naqueles tempos, curvado, bem coradinho, suando muito, sem parar, passando o pano da esquerda para a direita e da direita para a esquerda... lá estava o m.d. Reitor do Seminário Diocesano de Mossoró, o futuro Visitador dos Lazaristes, o futuro Bispo lá da Etiópia... lavando o chão, pois a Diocese não havia dinheiro para pagar um operário...

Sim, o futuro Visitador dos Lazaristas! Depois do Pe. Guilherme, nosso Patriarca, depois de Pe. João Rijntjes, o erudito professor da Prainha, nomeado quando já estava desenganado pelos médicos e que assim ainda lutou dois anos, veio o jovem Francisco Janssen. Se tivesse havido eleição naqueles tempos, teria sido eleito com todos os votos, menos um. Muito se esperava dele. E começõu com todo o seu dinamismo: viagens, correponência (até aquele tempo, o único informante era o bom padre Tomé) e visitas. Visitas rápidas, informais, contato pessoal e sempre encontrava tempo para ler, estudar, traduzir e... consertar bicicletas a motor e qualquer outra coisa no prego. Estudava sempre. Era cobra em protugues. Viajando num isto velho de Patu a Mossoró, alquém me cntou que tinha se encontrado com um padre holandês de Mossoró: padre fabuloso, tinha sotaque, mas conhecia o portugues como ninguém, todas as expressões, ditados populares, nomes de plantas e animais. Pela descrição pude concluir: o Janssen.

Mudanças? Poucas, também não as tinha prometido. Nós as esperávamos. Outrossim, ele estava convencido, absolutamento convencido de que todas as coisas, todos os trabalhos, todos os métodos, todas as idéias, tudo e tudo mesmo daquele tempo estava certo. Só podia ser assim!

Uma mudança, uma grande e não esperada, veio... uma transferência do Brasil para a Etiópia. A Provincia holandêsa, missionária como poucas, começõu mais um livro de ouro na sua rica história: Etiópia, o país de Dilibis, o país em que tinha trabalhado o nosso velho conhecido Pe. Kamerbeek.

Uma turma de corajosos recém-ordenados estava-se prontificando. Estes jovens precisacam de um issionário mais experimentado para ser o lídes... assim se pensava e se dizia na Holanda. Mais ainda, era para ser Bispo em breve!

E assim, o Pe. Francisco Janssen, missionário no Brasil já uns 14 anos, Visitador, 42 anos de idade, com muita experiência das

coisas do Brasil, foi transferido para uma terra totalmente diferente... Tinha que começar de novo: tudo diferente... língua, clima, costumes, mentalidade, coirmãos. Uma vez, creio no tempo de sua Sagração Episcopal vi-o decorando o Pequeno Catecismo na língua e uma das línguas de lá.

O poder da caneta, da assinatura era muito grande, o do diálogo nem existia.

Quem escreverá sobre os problemas, as dificuldades que este homem encontrou na Etiópia! Talvez ninguém, pois abrir o coração, desabafar-se não era com Janssen. Estava sempre muito feliz, ia sempre muito bem, estava sempre satisfeito, animado com os coirmãos, com os trabalhos, mas não resta dúvida: esta mudança Brasil-Etiópia deve ter custado. Também dizem que ao aceitar a transferência, teria dito: «Aceito-a como cruz». Realmente, a fé que era sua força interna, o amor à Igreja missionária, o dinamismo, marca de seu carater, o fizeram capaz de tudo.

Só a doença o fez voltar à terra natal e mesmo lá não quis repousar. Aceitou ser superior do nosso antigo seminário maior em Panningen, sempre se interessando pelos coirmãos de todas as idades, visitando as famílias dos missionários. E no fim, nos últimos anos, ainda passou a ser vigário benquisto de uma paróquia pequena mas ele conhecia todos os paroquianos.

Sofreu muito nos últimos meses. Ele que sempre andava depressa, teve que ter muita calma, muita paciência no leito de dor. Afinal, foi bater à porta do Céu e entrou certamente depressa para receber o Prêmio Eterno.

Que lá do Céu cuide de dar vocações à Etiópia e ao Brasil.
Obrigado, Padre Francisco, pela sua vida exemplar!

*Pedro van ERK C.M.*
(«*Bolet. Prov. Fortaleza*», feb., 1988)